

**Fantasia e Festividade: Resgate dos Alicerces da Essência Humana que  
Sedimentam uma Cultura do Entretenimento.**

**Estudo de Caso do Carnaval Carioca da Passarela do Samba<sup>1</sup>**

Andréa Miranda NAKANE<sup>2</sup>

**RESUMO**

Há ainda um pensamento que prega a alienação como ramificação da cultura em diversos momentos sociais, porém há estudos que comprovam uma outra tônica que dissemina que junto ao entretenimento é possível alavancar uma cultura do pensar, por meio do lúdico e da fantasia, sem perder sua essência de diversão e lazer. O estudo em questão analisa dois eventos distintos, que apresentam sincronicidade do ponto de vista da fantasia, em contraponto a realidade: Festa dos Foliões na idade média e o Carnaval Carioca em sua expressão na passarela do samba, que provocam justamente reflexões relativas a temas de impacto social.

**PALAVRAS CHAVES:** Entretenimento, Lazer, Fantasia, Festa dos Foliões, Carnaval Carioca.

**Texto do Trabalho**

A Festa dos Foliões ou também conhecida como Festa dos Bobos, representou na Idade Média, uma das principais celebrações populares, que expressava por meio da mais lúdica fantasia, uma espécie de válvula de escape do cotidiano difícil e opressor, no panorama da relação entre as estratificações sociais vigentes na época. O evento, segundo Cox (1974), permitia que em um único dia, usualmente o primeiro dia do mês de janeiro, os participantes, incluindo até mesmo representantes do clero, extravasassem toda a sua ironia e folia, por meio do uso de coloridas máscaras bizarras, de cantigas insinuantes e de uma total ruptura do convencionalmente rotulado correto, dando espaço para a fantasia de viver situações que não representavam a sua própria realidade e de até mesmo satirizar com a imagem pública de personalidades dominantes da época.

Bakhtin (1987) declara que as manifestações irônicas totalmente contraditórias ao modelo sisudo e sério impostos pelos mandatários reforçavam o espírito de um olhar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT FOLKCOMUNICAÇÃO, do PENSACOM BRASIL 2016.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação Social UMESP – São Bernardo do Campo – SP.

andrea.nakane@metodista.br

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

diferente do que existia, induzindo mesmo que temporariamente um panorama fora das correntes religiosas e feudais conservadoras do período. O autor cita entre os exemplos das festividades, além da Festa dos Bobos, estudada por Cox (1974), a Festa dos Asnos, o próprio Carnaval e o Riso Pascal. Essas celebrações eram consideradas lícitas, sem penalidades, envoltas em uma atmosfera na qual a fantasia permitia uma liberdade, mesmo que momentânea, de viver algo, que a princípio, não regia seus hábitos e condições de sobrevivência, mas que mesmo na áurea de um entretenimento fugaz, demonstrava rastros de consciência e crítica social, política e religiosa.

Cox (1974) pontua que a Festa dos Foliões, perdeu a ativa até o século XVI, sendo posteriormente desfigurada na época da Reforma e Contra Reforma e deixando como legados algumas representações como o Halloween e a própria festividade da virada do Ano Novo, que se arrastaram de forma mecanicista, exercendo seu papel festivo, mas de forma muito mais figurativa pela ambientação coletiva.

Na atualidade percebe-se, ainda que de forma retraída, uma espécie de retomada da parceria festividade com a fantasia, como uma propulsora cultural, geradora de uma reflexão focada muito além do ritmo alucinante de trabalho, que absorve e muitas vezes aniquila a percepção de outros valores e até mesmo da própria convivência social, que no seu dia-a-dia, por ser imposta, não permite a identificação de comunhões e autenticidade de encontros não determinados. Ressalta-se que Cox (1974) decifra que a festividade é um atributo de contentamento genuíno e que a fantasia compreende-se como um meio alternativo de confrontar-se com a ficção, de forma lúdica, como uma espécie de projeção imaginativa, de cunho criativo, muito além da constatação de sua plena realidade. Sendo assim, podem ser considerados, conforme o autor, como valores intrínsecos a essência humana, aspiracionais e inspiracionais na busca de conexões entre grupos sociais no presente, vinculando-se também a um processo transgeracional, já que também, vincula-se ao passado enaltecendo suas tradições e celebrações.

Ambos são considerados somente de ordem humana, não tendo na cadeia animal, outros seres com tamanha sagacidade e sensibilidade de praticá-los e transmiti-los como legados e assim também se alinhando com perspectivas futuras. O abstrato do imaginário relacionado à fantasia fomenta até mesmo transformações e pode denotar a

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

compreensão de novas possibilidades a serem planejadas e conquistadas, fomentando uma habilidade de maior adaptabilidade ao inesperado. A questão da crítica social não velada, como era o próprio caso da Festa dos Foliões, também busca retomar seu espaço nos ambientes coletivos da contemporaneidade, dessa vez tendo atores não só oriundos da própria audiência, mas também naqueles naturalmente vinculados como atores principais.

### **Lazer e Entretenimento**

É fato notório que a revolução industrial trouxe consigo uma supressão maior do tempo considerado livre, que não estivesse vinculado às horas de esforços nas fábricas, demonstra, também, outro lado, dicotômico, já que estimula um aproveitamento muito mais intenso do período destinado ao lazer e entretenimento.

O lazer conceitua-se, segundo Nakane (2013) como o tempo de repouso necessário a qualidade de vida das pessoas, concentrado fora de seus horários comprometidos com responsabilidades profissionais, acadêmicas e de outras ordens sociais.

Andrade (2001) concebeu como definição de lazer:

“...um conjunto de fatos e circunstâncias que, por sua natureza, apresentam-se como isentos das pressões e das tensões que, com certa frequência, podem afetar as atividades humanas individuais e grupais compulsivas opcionais.” ( ANDRADE, pág. 21, 2001) .

Dejavite (2006) pontua que o entretenimento está relacionado ao prazer e bem estar e representa aquilo que é feito, quando não há a obrigatoriedade do dia-a-dia ou está fora do circuito do trabalho. Para muitos autores, como Werneck (2000) o lazer tem uma atribuição de ser um direito de todos os indivíduos, instigando também uma produção cultural própria. Deve, portanto, ser vislumbrado como algo não só normal, mas sim, essencial para o bem viver e conviver de todos os membros de uma sociedade.

De Masi (2000) foi um dos autores modernos que sinalizou que o ócio, representado pelo tempo livre, tem um cunho criativo e produtivo que torna a humanidade muito mais propícia a encontrar soluções para uma contínua busca de qualidade de vida e até mesmo de sua própria felicidade. E que o mesmo não deve ser rotulado ou imposto, já

que há distinções individuais e grupais que demandam uma liberdade de escolha balizada no próprio reconhecimento de seus impulsos e anseios interiores.

Um dos mais relevantes estudiosos do Lazer, Dumazedier (1994) reafirma esse posicionamento relativo a uma entrega de livre vontade em seu uso, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou para gestacionar sua informação ou formação desinteressada, mas que pode estimular ou até mesmo criar um campo fértil para a sementeira de atitudes menos contemplativas e mais enfáticas em um debate de promoção de mudanças sociais, de interesse comum. Com a ciência que o tempo de relógio é escasso e boa parte dele está comprometido com os compromissos relativos à vida profissional e social, há a elevação do mesmo, como um dos bens imateriais tão desejados na atualidade e por isso mesmo deve ser otimizado para o atendimento as necessidades das pessoas.

Já como conceito de entretenimento compreende-se o próprio preenchimento do tempo livre com diversão e lazer e conforme Dejavite (2006) geralmente sem ligação direta com algo de profunda seriedade, moralidade ou estética. Bertrand (1999) declara que o entretenimento é vital para a socialização humana, assim, como o é, para o próprio desenvolvimento psico-intelectual de cada indivíduo.

Muitos autores, entre eles Pascal (2011) conceituado filósofo do século XVII, analisam que o fato de existir o divertimento na vida das pessoas evoca uma fuga de uma atenção mais focada nos assuntos que atingem a humanidade, já que simbolicamente torna-se uma válvula de escape do turbilhão do cotidiano, muitas vezes opressor e desalentador.

Porém há outros estudiosos que até consideram essa especificidade do lazer como algo permissivo de livramentos e que até de forma negativa, pode utilizar-se de tal movimento, sem gerar posteriormente nenhuma reflexão e muito menos modificar algum comportamento e/ou ativar um pensamento mais criativo e crítico.

Essa onda de escapismo não retrata a convenção existente na ficção, o que permite uma onda imaginária e fantasiosa, que mal interpretada pode até gerar interpretações ocas ou ilusórias. Base para o desenvolvimento da teoria da alienação, incitada por Debord (1997), que expõe a troca da realidade por imagens, geralmente seguindo uma contemplação passiva em grupo. O mesmo autor, salienta, ainda, que um espetáculo

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

define-se como aquilo que atrai a atenção e por consequência, coopera com uma visão pseudo realística e envolvida em seu cerne, incitando dinamismo na própria reconstrução do imaginário coletivo. Debord (1997) ainda fomentou a configuração de espetáculo em sua visão capitalista, compreendida como uma mercadoria contemporânea exposta e possível de ser consumida, propiciando o vínculo direto com as teorias de indústria cultural, sobretudo com o próprio conceito, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer .A sociedade do espetáculo interligada diretamente com o mundo mercantilista e consumista propicia em diversas ocasiões uma espécie de dominação, controlando as pessoas conforme os critérios capitais, de acordo com Debord (1997).

Cox (1974) critica que mesmo na pujança dos tempos modernos, as celebrações são muitas, mas disforme no sentido de sua autenticidade e, sobretudo, de uma sensação posteriori de vazio, na qual não há incitação de uma mudança e visualização de novos ares, conforme interesses dos que detém um poder social. Há um consumo cultural, até então produzido massivamente, sem o residual reflexivo. Os grupos sociais acabam por enveredar-se por vivenciar algo não autêntico, de natureza, muitas vezes global, sem o foco até mesmo no local. Esse pensamento recebe reforço de Debord (1997) que explicita que um dos principais pilares do espetáculo é justamente a não intervenção do público, isso significa que não há uma discussão mais aprofundada e muito menos uma participação direta em sua moldagem.

O frenesi de pertencer a um determinado grupo e encaixar-se como um arquétipo socialmente exigido ou imposto, não possibilita a incorporação de sua vertente mágica, no qual a propriedade do encantamento é sua máxima expressão, tornando-se tocado e posteriormente focado em multiplicar tal ação. O patamar mecanicista sobrepõe-se a autenticidade, compondo um imaginário nada genuíno e frágil. Porém, De Masi (2000) vai além e salienta que o lazer e o ócio podem ser representados como elos de uma mesma corrente em direção à realização humana. E esses elos precisam ser revestidos de uma essência perene e uma acreditação uniforme, que conduz emoções e felicidades.

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Fato que de forma ainda mais segmentada, também recebe o reforço em outro pensamento de Cox (1974, pág. 16) “... o desaparecimento da festividade e da fantasia simplesmente torna mais enfadonha a vida.”

Essa espécie de ânimo consegue ser atrelada desde os primórdios da humanidade, tornando, então a espécie um homo festivus, já que não há cultura que dispense a celebração como meio de comunicação, atribuída a emoção e ao prazer. Quando isso acontecer, segundo Cox (1974) um valor universalmente humano está em perigo e pode trazer consequências ainda não apuradas. Ele também sinaliza que além do festivus, o ser humano é também homo phantasia, por meio de seus sonhos e criação de mitos.

Essa contra ordem do protocolo aceito pode ser até mesmo analisada como uma característica embutida na festividade, que por ser excepcional reafirma seu posicionamento tão vital para uma vida plena, tendo o parâmetro unificado com o passado histórico e o futuro a ser idealizado. Já a fantasia, conforme Cox (1974) pode ser considerada como a fonte mais preciosa da criatividade humana, propiciando inventividade e inovação, aspectos colaborativos para a própria evolução da sociedade.

Santo Agostinho (apud SANTOS 1997, pág.45), já pregava que o lúdico: “ é eminentemente educativo, no sentido em que constitui a força impulsionadora da nossa curiosidade a respeito do mundo e da vida, o princípio de toda a descoberta e, de toda, a criação.”

Há uma percepção que o emprego de alguma atividade lúdica, focada em um momento mais descontraído e alegre, também viabiliza o binômio agir e interagir, hoje tão em voga e necessário no atendimento as características da sociedade, inseridos em diversas tipologias de eventos. Porém é na própria realização de eventos de entretenimento, tanto cultural quanto ao vivo, que o dueto fantasia e festividade encontram um terreno muito próspero para sua adesão, permitindo o reviver de tradições, amparadas por fatos do presente e fomentando novos alinhamentos rumo ao futuro.

### **Estudo de Caso: Carnaval Carioca da Passarela do Samba**

Um dos estudos de casos brasileiros que pode ser considerado emblemático não só por ampla participação e territorialidade, mas também pela constituição de sua identidade, inspirada em um evento cultural de outro país, e que foi moldada até tornar-se uma

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

referência tupiniquim, reconhecida globalmente como uma festividade grandiosa é o Carnaval. Peres (2010) afirma que o Brasil tem em sua formação uma particularidade de ter se apropriado e recriado inúmeros atributos culturais, legados resultantes de sua própria miscigenação (indígenas, europeus e africanos), fatos originários de uma diversidade cultural que poucas nações foram contempladas. O Carnaval, hoje considerado como a maior festa popular brasileira e um dos maiores espetáculos produzidos pela humanidade em esfera global, é um exemplo de tal mosaico cultural. Tal constatação é confirmada pelo pensamento de Ferreira (2004) que o define como a maior celebração de felicidade do planeta. Suas bases históricas estão relacionadas à festividade conhecida como Entrudo, de origem europeia, que desembarcou em terras brasileiras, trazidas pelos portugueses, na histórica vinda da família real para o Brasil, em 1808, após a invasão de Portugal pelos franceses. No intuito de não isolar-se de toda a vivência cultural e educacional, os nobres portugueses fizeram questão de manter-se alinhados com seus hábitos e costumes e por isso mesmo implementaram, com algumas alterações, em função das próprias condições estruturais, operacionais e humanas encontradas no Brasil, esse estilo de vida, na tentativa de manter uma naturalidade comportamental e posteriormente de adaptação a sua nova realidade.

Alguns pesquisadores até sinalizam que as brincadeiras carnavalescas chegaram em terras brasileiras, muito antes, 53 anos depois do descobrimento, em 1553, com a transferência de um número maior de colonizadores portugueses para cá.

Inicialmente o jogo do entrudo era uma farra de cerca de três dias no qual as pessoas lançavam águas cheirosas, pós coloridos, fuligem, polvilho e perfumes sobre alvos passantes nas vias públicas. Essas brincadeiras perduraram por vários séculos, mas não apresentavam nenhum ineditismo. O Entrudo evoca uma historicidade muito além da Idade Média. Conforme estudos de Ferreira (2004) há citações de ter dito como embrião conceitual as Sacéias, as antigas festas babilônicas, que datam do século III antes de Cristo, já que apresentavam em seus relatos especificidades como ousadas comemorações e as inversões de papéis. Porém as representações mais carnavalescas remotam, mesmo, das festividades das antigas civilizações, greco-romana e mesopotâmicas, nas quais os símbolos fortes até hoje reconhecidos como da celebração

foram utilizados com grande propriedade, como o uso de máscaras e disfarces, o consumo frenético de bebidas, um desfile de danças e cânticos e brincadeiras de desordem na contramão dos regimentos sociais, fato que propiciava uma forma de contato com o elemento divino.

A palavra Carnaval tem seu sentido ampliado para demonstrar alegria, farra coletiva, folia e em alguns casos confusão e desordem, sendo por muitos, também consideradas como sinônimo de festa, por tais características simbólicas que acompanharam a própria evolução humana. Contudo, o objeto que tem como alvo de pesquisa desse artigo é o Carnaval Brasileiro, com ênfase, na produção cultural compilada com o desfile dos grêmios recreativos escolas de samba do Rio de Janeiro. Mesmo ciente que o termo Carnaval possibilite outras compreensões de festas que incorporam as referências já citadas, demonstrando uma veia de carnavalização, conforme pesquisas de Bakhtin *in* Ferreira (2004), o Carnaval brasileiro está no cume de celebrações típicas, que por si só tem uma identidade e culto próprios. Na esfera epistemológica da palavra Carnaval associa-se à carne vale, significando o adeus à carne e demonstrando imediatamente seu vínculo religioso, já que pelo calendário, logo após sua realização, começa o período da quaresma, no qual os cristãos católicos devem abstrair-se do consumo de carne e dedicar-se às reflexões das questões vinculadas a sua vida espiritual.

Essa orientação data da Idade Média e tinha como alvo a população menos favorecida, que logo associou o período que antecedia a essa horda de sacrifícios, um momento de lavar a alma e aproveitar intensamente o período sem privações da vida social, incluindo comida, bebida e demais prazeres da vida, então, considerada mundana.

Ferreira (2004) associa o Carnaval como o período do ano no qual a vida “vira ao avesso” e tudo é permitido em busca do êxtase, como uma forma de acumular contentamento e alegria, que seriam ceifadas ao longo dos quarenta dias posteriores até a chegada da Páscoa. É a festa profana, que não é sagrada, mas tem na religiosidade um vínculo de aceitação, geradora de reciprocidade, que tem no discurso de permissividade de sua existência pela Igreja, uma exigência a um comportamento irretocável pós sua realização, propiciando assim uma convivência, até que harmônica. E nesse ambiente permite-se leituras distintas, não tendo um único padrão que possa definir o Carnaval



Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

em termos de suas brincadeiras e ritmos, tornando-o único em cada localidade em que é vivenciado globalmente. No Brasil essa demonstração é cristalina com a pluralidade da festividade. No início suas brincadeiras remetiam ao entrudo português, que por aqui seguiu uma espécie de segregação. Existia a brincadeira familiar realizada no interior dos lares e o outro muito mais popular contando com a participação muito maior dos cidadãos, sobretudo pobres e escravos e que acrescentaram como acessórios de brincadeiras, elementos como ovos podres, águas mau cheirosas, enfim o que tivessem às mãos de forma acessível e barata. O que denota que a divisão da elite do carnaval carioca não é uma questão temporal da modernidade, em suas isoladas festividades particulares, de entra quem pode pagar o valor do ingresso, sendo então celebrações privadas, dirigidas a familiares e amigos do núcleo familiar. A interação social reforçava laços e dificilmente criavam-se novos. Os escravos da casta familiar também entravam no jogo, porém somente como alvo, já que não podiam participar ativamente em revides ou iniciativas de ataques aos patrões e seu grupo. Contudo os mesmos, em sua escala hierárquica, acabavam promovendo entre eles o entrudo, no qual os mais qualificados ou que ocupassem uma posição de mais destaque eram superiores aos demais e incitavam esse posicionamento atacando os de menor projeção pelo trabalho. A cadeia social formava-se no imaginário e popularizava-se, até mesmo, entre os oprimidos, por meio daqueles que fantasiavam uma estirpe nobre.

No entrudo popular, o jogo ganhou música e danças da população africana escravizada, chamados de Congos ou Cucumbis e assim, começavam a criar novidades que futuramente tornariam-se marca registrada da festa brasileira. Conforme apontamentos de Ferreira (2004), o Entrudo na época gerou uma série de inconvenientes e violência que acabavam por macular a brincadeira, a ponto de fomentar na segurança pública, determinadas proibições e até mesmo uma nova ideia para minimizar tais impactos, com a criação de um baile privado. Dessa forma criava-se um espetáculo de diversão, no qual as camadas mais populares seriam apenas espectadores, já que não possuíam posses e nem direitos de frequentar tais espaços. A inspiração foi retirada dos bailes franceses, no qual o luxo envolvia a celebração, com roupas festivas, coloridas e glamourosas, sem dispensar a orgia da comilança e bebedeira. Porém a ação não foi tão

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

efetiva e as manifestações populares, consideradas então marginais, continuaram por muito tempo, até a transformação completa do entrudo em outras manifestações.

Novas tentativas de organizar as festividades surgiram e uma das mais importantes foi justamente as Sociedades Organizadas Carnavalescas, que passaram a também ganhar as ruas, além dos espaços fechados já ocupados. Mas dessa vez com uma ordenação logística, com roteiro de itinerário fixo e divulgado, propiciando uma parceria com a segurança pública para garantir a tranquilidade dos foliões.

O modelo do carnaval carioca começa então a se estruturar, criando uma simbiose entre a elite e o popular, o embrião do que atualmente é conhecida a festa carioca na passarela do samba, que movimenta milhões de reais a cada ano, tendo como base uma verdadeira inversão, na qual hoje, a comunidade, configurada como o popular, ainda continua sendo responsável pela celebração, a elite, paga parte da conta e tornou-se em sua maioria das vezes espectadores, ou em alguns casos, destaques diferenciados na agremiação e os órgãos públicos e privados, com seus respectivos interesses custeiam todo o elevado investimento em sua realização. Já a partir de 1930, segundo Ferreira (2004), o Carnaval carioca tornou-se uma mercadoria, um produto vendável para atender aspirações dos próprios nativos, já se organizando em agremiações próprias para disputar quem mereceria consagrar-se como a campeã do ano e também daqueles de outras localidades que buscavam ter algum tipo de participação em algo considerado espetacular e até mesmo surreal, onde o simples ato de assistir tanta alegria pudesse contagiá-los e dar novo ânimo as agruras do dia-a-dia. Aliás, durante muito tempo, esse modelo de carnaval migrou e ganhou o país, sobretudo com força midiática, criando até falsas concepções de que representava as verdadeiras raízes da celebração. Muitos rotularam a festa carioca como sendo o Carnaval Nacional, gerando rupturas de ressentimentos com outras regiões, que tinham sua maneira diferente de comemorar o período e não se encaixavam nesse projeto. As escolas de samba surgem apresentando uma sinergia, por si só vitoriosa, com a junção de ritmo, harmonia e enredo, atraindo a atenção de diversas estratificações sociais, desde os intelectuais até aos de menor nível instrucional, pois viam, cada um em sua vertente, as atrações com as temáticas e brasilidades representativas de suas próprias naturezas. Data de 1934, a fundação da

União das Escolas de Samba que tornou-se o elo das agremiações com o poder público, interessado em disseminar o novo formato do Carnaval carioca.

O delírio carnavalesco carioca propicia narrativas de cunho cultural e educacional que extrapola o próprio conhecimento das tradições de brasilidade. Muitos enredos abordam uma pesquisa profunda e minuciosa de elementos e símbolos históricos, que acrescidos de uma imaginação criativa transforma-se em enredos extasiantes, festivos e até mesmo reflexivos, gerando uma sensibilização para uma maior conscientização social.

Essa origem não parte da essência das agremiações, vinculadas à força e garra dos componentes que vivem a sua margem territorial, mas sim de um elemento, até então conhecido como carnavalesco e que hoje foi batizado de gestor da criatividade. Cabe a esse agente, ser o mentor de tal tema escolhido e organizar um planejamento para retratar na passarela do samba - de forma conceitual e primorosa estética - o enredo escolhido. Porém ao acolher essa narrativa, essa verdadeira contação de histórias em 80 minutos, existe a apropriação do enredo por todos e o conhecimento torna-se popular, seguindo as orientações de sua figura de liderança criativa.

Por meio de escolhas diversas de temas que configuram-se por sua diversidade, a cada ano, as escolas de samba, promovem a folia, o êxtase da alegria, ao mesmo tempo que se permite, em várias ocasiões, introduzir ponderações e juízos de situações, muitas vezes, até então, pouco acessível de compreensão. A narrativa de um enredo na passarela do samba molda-se por meio de um repertório próprio, que traduz-se pela poética ritmada do samba-enredo, composições estabelecidas em riquezas de notas e conteúdo de entendimento que atingem a popularidade, não só dos componentes de sua escola, mas também de tantos outros participantes e/ou até mesmo ouvintes.

Tal processo demonstra a criação de bases preliminares de uma cultura de pensar justamente fomentada pela cultura do entretenimento. E nesse caso o pensamento de Debord (1997, pág. 110) é ratificado em um universo contemporâneo encruado em uma sociedade de consumo : “o mundo já possui o sonho de um tempo. Para vivê-lo de fato, deve agora possuir consciência dele.”

Para que o exercício seja vigoroso é preciso catalisar a continuidade dos debates e a proliferação do intercâmbio de ideias por meio de diálogos e debates, que extrapolem o

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

período carnavalesco. Sendo, então esse, o principal desafio pós folia e que acaba sendo reduzido a poucas iniciativas concretas. Grupos heterogêneos, muitas vezes considerados como elementos não só criativos, mas também formadores de opinião, aglutinam profissionais como historiadores, museólogos, figurinistas, pintores, escultores, costureiras, artesões, músicos, entre outros, que foram atraídos para o ambiente do mundo do samba gerado para estabelecer e executar os enredos das agremiações. A ideia que surge de forma abstrata e é lapidada por meio de muitas pesquisas, observações, investigações e inquisições, retiradas de dados primários, dados secundários e mediante toda a matéria prima bruta acumulada. Essa coleta e seleção deve traçar com delicadeza uma teia que sirva como moldura para apresentar algo, considerado uma verdadeira obra de arte, que irá sensibilizar, emocionar, inebriar e movimentar a energia das pessoas envolvidas em cantar, dançar e honrar sua agremiação, expondo alegria e transmitindo argumentos que possam contagiar os demais e quiçá transformar-se de uma simples informação em conhecimento.

Nakane (2013) cita Bloom *in* Lowman (2004) para elucidar que o conhecimento inclui a capacidade de analisar e integrar fatos, além de avaliar de forma crítica todo esse repertório. Para tal ação fica evidente a importância de ampliar o tempo de estudos e de pesquisas. A narrativa estética de um desfile de escola de samba assenta-se na imagem para encantar. Nesse momento há a convergência da tradição com a inovação, fato que perpetua-se, até hoje, como forma de manter vivo na memória, o passado, dando espaço para novas realizações que ajudem a projetar o futuro.

A estética do samba carioca ganha novas perspectivas com essa simbiose, sem evocar exclusões, já que o espaço pode ser preenchido por todos, desde àqueles que tem dinheiro para bancar suas fantasias e adereços, até aos menos abastados, que podem encontrar espaços de troca, nos quais sejam voluntários, emprestando sua garra e alegria em papéis fundamentais como os representados pelos ritmistas da bateria, baianas, ala dos compositores, ala mirim, entre outras. Nesse cenário, o espaço para esculhambação e amadorismo não vinga e um esquema profissional é implantado para assegurar a festa de milhares de foliões presentes a cada desfile de agremiações.

Realizam

---

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

A festa tem sua mercantilização incontestável, porém tem também em seu auge um repensar, possivelmente impulsionado pela necessidade de abrir espaços para outras formas de divertimento, que não tivessem tamanho ônus para seus simpatizantes. A partir da década de 1970, o Carnaval carioca ganha extensões com os ensaios das escolas de samba, que antecedem em alguns meses o período de momo, provocando uma maior proximidade da comunidade com o público simpatizante da agremiação ou simplesmente daqueles que buscam diversão atemporal. A fantasia nesse caso ainda é tímida, mas ganha projeção com o espírito da festividade.

E é justamente no século XXI, que a retomada das celebrações populares ganha novamente às ruas da cidade, arrastando multidões, livres de regras, sem imposição de pagamentos prévios, apenas contando com a motivação de brincar, de cantar, de dançar e até vestir-se de forma mais descontraída ou até mesmo representativa de personagens ou transmitindo mensagens sociais. As marchinhas, músicas de fácil memorização, com parágrafos chaves de repetição, geralmente evocam temas sociais, na maioria das situações encarada pelo viés sarcástico, sendo também uma forma de manifestação e/ou protesto social. Tal transformação do cenário carnavalesco carioca acabou também atingindo os desfiles das escolas de samba, que desde 2004, instalou com quase dois meses ou até mais, dependendo do calendário do ano, uma nova opção de festividade, com os ensaios técnicos das agremiações na própria passarela do samba - conhecida como Sambódromo, idealizada pelo antropólogo Darcy Ribeiro e inaugurada em 1984. Esses eventos de forma gratuita, geraram novos vínculos e também deu oportunidade às pessoas sem condições de pagar por um ingresso no dia oficial dos desfiles, de experimentar uma espécie de sensação do que seria o carnaval naquele ano.

Os blocos de rua ressurgem como uma fênix, mas não com o objetivo de tomar o lugar, já tão sedimentado, dos desfiles das escolas de samba, mas sim, como uma nova oferta e alternativa para a imersão na fantasia e festividade, tão vitais para o bem estar pleno do ser humano.

### **Considerações Finais**

O dinamismo eminente do Carnaval, assim como foi a Festa dos Foliões, pressupõe novos olhares para sua perpetuação cultural, sempre com a lógica da mutação, conforme

suas gerações. É uma demonstração cristalina da relevância de estimular continuamente a perenidade da fantasia atrelada a festividade, que por si só, socializa e nos mantém pré-dispostos, com mais afinco e determinação em buscar e encontrar soluções que amenizem as dores e dificuldades diárias, também presentes no âmago da sociedade de todas as culturas. Uma cultura do entretenimento que seja calcada nesses elementos tende a provocar, também, comportamentos sociais cunhados em uma maior postura positiva e abertura mental para possíveis rupturas de paradigmas e convenções impostas ou ultrapassadas.

Fato que se contrapõe a crítica de Debord (1997), que relaciona a questão da representação como um instrumento de alienação. No caso estudado há um ramo que sugere uma possibilidade de incitar uma cultura do pensar, gerando acréscimos informativos, que podem ampliar ou até mesmo formar uma bagagem cultural. Menosprezar ou até mesmo desprezar essa cultura do entretenimento, que pode despertar uma cultura do pensar, é negar meios alternativos de propulsão do conhecimento, que fundamenta a sabedoria e implica nos esforços de conseguir repensar em mudanças benéficas a boa convivência e o bem viver.

Os desfiles assumem seu papel de diversão, somando atores e espectadores, que são inebriados, encantados e tornam-se integrantes das histórias que são contadas por meio do desenvolvimento de seus enredos. Histórias tendem a bulir com o inconsciente, ensinam e em muitas situações pressagiam um poder de dizer algo por meio de metáforas. E nessa posição, o objeto de estudo aqui trabalhado encaixa-se - sem arestas - em um arquétipo explicativo da indispensabilidade da festividade e fantasia como atributos reveladores das possibilidades de novos olhares e reflexões, que terão ligação direta com o imaginário coletivo, representando, assim um clima social retrativo de um estágio humano. O Carnaval carioca tem se reinventado de tempos em tempos, mas mantendo como seus estandartes a celebração e a magia, sendo, portanto, um exemplo de que a manutenção desses acaba sendo enaltecida como uma verdadeira crença, que impulsiona o caminhar na vida, mesmo que esse tenha que atravessar obstáculos e precipícios de difícil transposição, quando há os componentes energizadores, assim compreendidos os temas desse estudo, o impossível pode tornar-se possível e as forças

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

até então enfraquecidas por receios, temores ou até mesmo opressões, ganham status edificantes e fortificantes, que colaboram para que simples cidadãos tornem-se super heróis em sua própria realidade e genialidade, já que da mente, do coração e da alma humana, tudo é possível, até mesmo o impossível, basta dar margem à festividade e a fantasia... sempre!

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, José Vicente de. **Lazer – princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BAKHTIN Mikhail. **Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais**. Tradução Yara Frateschi Vieira. SP: Hucitec, 1987.

BELLONI, Maria Luiza (org.). **A Formação na Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

COX, Harvey. **A Festa dos Foliões. Um Ensaio Teológico sobre Festividade e Fantasia**. Tradução de Edmundo Binder. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1974.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**; tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE. Fábila Angélica. **INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo – Entrevista a Maria Serena Palieri**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

NAKANE, Andréa. **Meios Lúdicos para Fixação e Ampliação da Cultura do Pensar: A Gincana Cultural da Clippagem Turística**. Artigo Publicado no TURyDes, 2013.

PASCAL, Blaise. **Diversão e Tédio**. Coleção Ideias Vivas São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

PERES, Eraldo. **FÉsta Brasileira: Folias, Romarias e Congadas**. São Paulo: Senac Editoras: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

SANTOS, S. M. P. dos. (org.). **O Lúdico na Formação do Educador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

WERNECK, Christianne. **Lazer, Trabalho e Educação – Relações Históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.